

Quem sabe faz a hora, não espera acontecer: Relato de Experiência na Orientação Remota da 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa

LICE TROVÃO

SEMED/PRESIDENTE FIGUEIREDO

Resumo

Este relato de experiência apresenta a atuação docente durante a pandemia da COVID-19, com foco na orientação de alunos do 6º ano na 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa. O objetivo é compartilhar estratégias pedagógicas adotadas em um contexto de vulnerabilidade social e tecnológica, destacando o uso da gamificação, da escuta ativa e da valorização das memórias literárias como ferramentas de engajamento. A metodologia envolveu atendimentos remotos e presenciais, adaptação de atividades e construção de portfólios. Os resultados evidenciam avanços na autoestima, na leitura e na escrita dos alunos, além do fortalecimento dos vínculos entre escola, família e comunidade. Conclui-se que práticas pedagógicas humanizadas são essenciais para garantir o direito à aprendizagem em tempos de crise.

Palavras-chave

Educação remota, pandemia, memórias literárias, gamificação, vínculo afetivo.

INTRODUÇÃO

“Fessora, eu queria tanto lhe abraçar, mas eu não posso.” “Eu quero que isso passe, não aguento mais viver assim.” Essas são apenas algumas das frases que ouvi dos meus alunos durante um breve momento em que nos encontramos. Já faz alguns dias, é verdade, mas essas palavras ainda ressoam em minha memória. Afinal, como lidar com isso? Como trabalhar com uma criança cujo emocional está abalado?

Essa é a grande questão. Em meio a uma crise sanitária sem precedentes, espera-se que o professor irrompa como a figura de um herói, capaz de reacender a última fagulha da educação. Um nobre herói, que deixa de lado todo medo e planeja sua jornada para, ao fim, alcançar seu objetivo: acompanhar e orientar o aluno, aconteça o que acontecer. Mas será essa uma missão simples? Não. Contudo, é imprescindível e inadiável. No momento em que vivemos, em vez de manter-se estático e aterrorizado, é preciso ter coragem de orquestrar um novo amanhã, um novo sonho, uma nova possibilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A atuação docente em tempos de crise exige mais do que domínio de conteúdo: requer sensibilidade, escuta ativa e capacidade de adaptação. A pedagogia humanizada, como propõe Freire (1987), valoriza o diálogo como ferramenta de transformação. Em contextos de vulnerabilidade, o professor torna-se agente de acolhimento, promovendo vínculos que sustentam o processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

Durante a pandemia, especialmente no estado do Amazonas — marcado pela escassez de oxigênio, número elevado de óbitos e medo generalizado — iniciou-se minha jornada como orientadora de turmas do 6º ano na 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa. A convocação veio da pedagoga da escola, dona Conceição, que anunciou: “Lice, estamos na Olimpíada de Língua Portuguesa. Você irá orientar as turmas de 6º ano.” A surpresa foi imediata, seguida pela percepção do desafio que se aproximava.

Com a suspensão das aulas presenciais e a proibição de aglomerações, a relação professor-aluno tornou-se essencialmente virtual. Muitos alunos não possuíam celular próprio e dependiam da disponibilidade dos responsáveis. Além disso, a internet em Presidente Figueiredo não é acessível a todas as casas, especialmente na zona rural, onde o sinal é instável e o acesso limitado.

Diante da urgência, encontrei na gamificação uma estratégia democrática e motivadora. Propus aos alunos a construção de um portfólio com o tema “Olimpíada de Língua Portuguesa – Oficinas 2021”, com desafios impressos e colados. O portfólio também serviu como avaliação interdisciplinar para Artes e Língua Portuguesa. Os alunos personalizaram seus cadernos, e ao final do trimestre, uma comissão avaliou as capas mais criativas. Produzi um vídeo com orientações e apresentei meu próprio portfólio como exemplo, o que gerou entusiasmo e envolvimento de toda a escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A premiação era apenas um estímulo. O verdadeiro objetivo era desenvolver a leitura e a escrita por meio do gênero “memórias literárias”. Com dificuldades técnicas, precisei recorrer a uma lan house para organizar os arquivos das oficinas. Ainda assim, consegui aplicar as cinco primeiras oficinas com as turmas do 6º ano, com a intenção de continuar ao longo do ano.

A pandemia afetou profundamente o ano letivo de 2020, comprometendo a base de leitura e escrita dos alunos. Muitos se sentiam incapazes de produzir. Um caso marcante foi o de Kássio, do 6º ano B, que chorou ao ver as atividades. Inseguro e introspectivo, ele apresentava bloqueios criativos por medo de errar.

Organizei atendimentos presenciais com agendamento. Inicialmente às terças e quintas, os encontros logo se estenderam para toda a semana. Durante as orientações, o foco era mostrar ao aluno que ele era capaz. Após esse convencimento, discutíamos a importância da leitura e da escrita. Em seguida, eles escreviam livremente, sem se preocupar com erros. A ideia era garantir liberdade de expressão e, gradualmente, trabalhar as dificuldades.

As primeiras versões dos textos apresentavam muitos problemas: ortografia, pontuação, estrutura. Com o tempo, os próprios alunos passaram a identificar suas dificuldades. Assim, comecei a trabalhar conteúdos como morfologia, sintaxe e ortografia.

Para contextualizar a proposta da Olimpíada, sugeri entrevistas com familiares sobre histórias de vida e objetos antigos. Kássio escreveu um texto em homenagem ao avô, que era taxista. Também propus a leitura dos textos das oficinas, que traziam memórias de autores conhecidos. Durante as orientações, lia os textos em voz alta, para trabalhar a oralidade e a entonação.

O progresso era visível. Kássio, antes retraído, passou a demonstrar entusiasmo. Sua mãe, mesmo doente, o levava de moto até a escola. Outro exemplo foi João Ivo, que, mesmo após perder o avô para a COVID-19, manteve-se assíduo e escolheu *20 Mil Léguas Submarinas* como leitura. Ele próprio reconheceu a necessidade de melhorar sua ortografia.

Melissa, aluna com necessidades especiais, também participou. Adaptei as atividades para que ela pudesse respondê-las por meio de desenhos. Seu envolvimento era tanto que enviava áudios dizendo: “Professora, eu já terminei”. Os responsáveis também deram retornos positivos. A mãe de Lara relatou o crescimento da filha, e dona Nilce, mãe de Zaina, destacou como a Olimpíada envolveu as famílias no processo escolar.

Embora 38 alunos tenham sido contemplados, o regulamento da Olimpíada previa avaliação por turma. Com o tempo, as turmas foram representadas por alunos mais engajados, especialmente os do 6º ano A e B. No fim do trimestre, os próprios alunos cobraram a premiação. Preparei fichas de avaliação, um book com as capas dos portfólios e lembranças com apoio da equipe pedagógica.

Foram premiados 38 portfólios. Para os três primeiros lugares, houve entrega de sacola personalizada, chaveiro, mimo e certificado. O segundo lugar recebeu os mesmos itens, exceto a sacola, e o terceiro lugar recebeu certificado e chaveiro.

Convidamos virtualmente a Secretaria de Educação e um vereador, que compareceram ao evento. A presença das famílias e autoridades tornou a premiação um momento marcante. Houve espaço de fala para os pais e relatos inspiradores das autoridades. Como disse um aluno: “Foi uma injeção de ânimo”.

CONCLUSÃO

A experiência com a 7ª Olimpíada de Língua Portuguesa revelou-se transformadora. Em meio à dor e às perdas da pandemia, a escola tornou-se espaço de acolhimento, expressão e reconstrução. A gamificação, o vínculo afetivo e a escuta ativa foram

fundamentais para resgatar a autoestima dos alunos e promover o desenvolvimento da leitura e da escrita.

A valorização do trabalho docente e do esforço dos estudantes foi evidente na premiação. No entanto, o trabalho não termina aqui. O segundo desafio é dar continuidade às oficinas, consolidar os avanços e fazer do caderno do professor uma ferramenta viva de cidadania. Como diz a canção: “Caminhando e cantando e seguindo o caminho” — reinventando-se, redescobrimo-nos e envolvendo os alunos na canção do aprender.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

NÓVOA, António. *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.